CARMELUS TOTUS NAZARENUS EST

SANTA TERESA E A FAMÍLIA DE NAZARÉ

II PARTE – V33, 14-15

> *a la una puerta nos guardaría San José y Nuestra Señora la otra, y Cristo andaría con nosotras*
>
> *Santa Teresa de Jesus*

Na primeira parte, já publicada, começámos a nossa reflexão por referir quatro coordenadas importantes nos escritos de Teresa: Jesus, Maria, José e a salvação. Comentámos, ainda, V32, 11 e vimos como Teresa recebe a confirmação de que o novo Carmelo será uma casa guardada por São José e Nossa Senhora, onde Cristo estará presente: o Carmelo nasce da Casa de Nazaré. Porém, com certas nuances: no centro da experiência que Teresa faz está Cristo Ressuscitado, para a qual é importante V28. Esta é uma das grandes novidades que nos traz V33, 14-15 ao aprofundar o lugar da experiencia cristológica e salvífica de Teresa na família de Nazaré. Assim, sem mais demoras, vejamos o que foi que viveu a Santa.

Visão da Sagrada Família (Agosto de 1561, V33)

Diz E. Mâle, a propósito desta experiência de 15 de Agosto de 1561, dia de Nossa Senhora da Assunção, que «nenhuma visão parece mais importante para o Carmelo do que aquela que Santa Teresa tem no momento em que medita sobre a Reforma da Ordem»[1]. Por sua vez L. Rueda faz notar que à exceção da transverberação esta graça «é o tema mais frequentemente representado nos conventos das Carmelitas»[2]. Também T. Alvarez não lhe poupa elogios ao dizer que «foi a mais esplêndida mariofania de toda a sua vida»[3].

Analisando o excerto (V33, 14-15) vê-se que está em função de V32, 11. «O seu conteúdo é como o desenvolvimento "visual" e a "confirmação" do que foi expresso no texto anterior [V32, 11]»[4]. Nele vemos como Deus convida Teresa a viver essa consciência do Carmelo como Casa de Nazaré.

Antes de avançar, é relevante sublinhar que «esta visão relatada pela santa tem um grande valor simbólico»[5], que alias percorre todos os seus escritos. Mas

> «mais do que de símbolos puros [– explica Tomás Alvarez –], estamos aqui a falar de [uma] "linguagem simbólica" (…) [à qual Teresa recorre] perante a inefabilidade da experiência religiosa profunda (…). Obviamente, o segmento que mais requer a cobertura da linguagem simbólica é o domínio espiritual, especialmente a experiência mística»[6].

Daqui resulta uma autêntica *teologia simbólica* que intimamente associada à experiência de Deus, *teologia mística*, comporta uma dimensão profundamente existencial na teologia que fazem os santos. Neste sentido, «a existência dos santos é teologia vivida»[7].

---

[1] Emile Mâle, *Iconographie aprés le Concile de Trente* (Paris: 1932) in Laura Gutiérez Rueda, *Gracia y hermosura: Ensayo de iconografia teresiana* (EDE: Madrid, 2012) 108
[2] Laura G. Rueda, *Gracia y Hermosura* (2012) 108
[3] T. Alvaréz, *Comentarios al libro de la Vida* (2009) 297
[4] François-Marie Lethél, *La luce di Cristo nel Cuore della Chiesa* (2011) 283
[5] François-Marie Lethél, *La luce di Cristo nel Cuore della Chiesa* (2011) 283
[6] T. Alvaréz, *Simbologia Teresiana* in Diccionario Teresiano (2000)
[7] Paola Mostarda, *La simbolica della natura nella teologia di Santa Teresa di Liseux* (Edizioni OCD: Roma, 2006) 36

Esta experiência de Teresa dá-se num momento de dificuldade, em que parece não haver meios por onde levar avante a reforma. Se num momento inicial o seu provincial é-lhe favorável, num segundo mudará de opinião ao ver o turbilhão de oposições a este projeto. Será por causa deste turbilhão que Teresa consultará Pedro Ibañez em outono de 1560, como já referimos. Com algumas peripécias nas entrelinhas, Teresa relata o seu parecer favorável. Assim, com esta ajuda enfrentará todas as dificuldades que tem por diante. Terá, como também já vimos, a segunda visão de Cristo em janeiro de 1561, que lhe vem a dar claridade sobre o Ressuscitado. Oito meses depois terá então esta visão de V33, 14-15, no decorrer destes trabalhos. Apresentamos agora o texto, por nós numerado para facilitar o seu comentário:

> [1] Por essa altura, no dia de Nossa Senhora da Assunção, estando eu num mosteiro da Ordem do glorioso São Domingos [2] a pensar nos muitos pecados, e noutras coisas da minha ruim vida, que em tempos ali tinha confessado, [3] veio-me um arroubamento tão forte que quase me fez perder os sentidos. Sentei-me, e parece-me que nem pude ver a Elevação, nem ouvir Missa, o que me trouxe algum escrúpulo. [4] Em tal estado, pareceu-me ver que me vestiam uma roupa de grande brancura e claridade. Ao princípio não via quem ma vestia; [5] depois vi que era Nossa Senhora, do lado direito, e o meu Pai S. José, do lado esquerdo, que ma vestiam. [6] Foi-me dado a entender que já estava limpa dos meus pecados. Acabada de vestir, num imenso gozo e glória, [7] logo me pareceu que Nossa Senhora me pegava nas mãos. [8] Disse-me que se alegrava muito por eu servir o glorioso S. José; que acreditasse que o que pretendia do mosteiro se faria, e que nele muito se serviria ao Senhor e a eles os dois; [9] que não tivesse medo porque nele jamais se interromperia este serviço, apesar de a jurisdição não ter sido dada ao meu gosto, uma vez que Eles nos guardariam e já o Seu Filho nos tinha prometido andar connosco. [10] E como sinal de que isto se cumpriria oferecia-me aquela jóia.
>
> [11] Parecia-me que me colocavam ao pescoço um colar de ouro muito bonito, com uma cruz muito valiosa. [12] Esse ouro e essas pedras preciosas são tão diferentes das de cá que não há comparação. A sua formosura excede tudo o que na terra podemos imaginar. O entendimento não é capaz de entender de que é feita a roupa, nem consegue imaginar a alvura que o Senhor quer que se apresente. Digamos que tudo o que é da terra, comparado com aquilo, é um desenho a carvão.
>
> [13] A formosura de Nossa Senhora era grandíssima. Não me foi possível observar nenhum dos seus traços em particular, mas apenas a configuração do rosto no seu conjunto. Estava vestida de branco, cercada de uma luz imensa, mas suave, que não encandeia [14] Ao glorioso S. José não o vi tão claramente, embora enxergasse bem que ele estava ali como naquelas visões de que falei, onde não se veem imagens [15] Nossa Senhora parecia-me muito jovem.
>
> [16] Ao pouco tempo de estarem assim comigo, – e eu com tão grandíssima glória e gozo como talvez nunca tive e do qual nunca quereria separar-me – pareceu-me que os via subir ao Céu acompanhados por uma grande multidão de anjos

Comecemos pela *introdução* (n.º 1-3), na qual destacamos o n.º 2: Teresa está a pensar nos seus pecados quando Deus lhe concede esta visão. Isto é relevante porque no n.º 6 dirá que «já estava limpa» desses pecados em que pensava. De donde lhe veio este perdão? Esta experiência de salvação? Vejamos os n.º 4-6.

Teresa vê que lhe vestem «uma roupa de grande brancura e claridade», mas «ao principio não via quem ma vestia». Portanto, desde a perspetiva da santa o *ato* precede o *sujeito*. Reconhecerá tratar-se de Maria e São José «depois». Chama a atenção a descrição da roupa, porque «Santa Teresa viu muitas vezes o Salvador e sempre (...) rodeado de luz e com vestes brancas»[8]. Também «quando

[8] Laura G. Rueda, *Gracia y Hermosura* (2012) 96

descreve a Virgem, utiliza os mesmos termos»[9]. A santa vê nas suas visões aquilo que já anteriormente viu representado:

> «"Deus — diz J. K. Huysmans — adota quase sempre a forma das suas visões de maneira que aqueles que as recebem as possam imaginar". A ideia que Santa Teresa tinha do sobrenatural seria[, portanto,] (...) através das muitas pinturas e imagens que (...) tinha visto (...)[:] "(...) se não fosse o que via, a minha imaginação não me serviria de nada"»[10].

Neste sentido, parece-nos profundamente sugestivo que ela se veja a si mesma representada *como se* estivesse glorificada. Aqui importam também os n.º 2 e 6. Concluímos que Santa Teresa parece fazer uma *experiência de salvação*. De facto, «acabada de vestir, [estava] num imenso gozo e *glória*». Expressão que volta a repetir no n.º 16: «e eu com tão grandíssima *glória* e gozo como talvez nunca tive».

Notamos também que tão ou mais chamativo é que quem proporciona esta experiência de salvação são Maria e José! São eles os dois, juntos, quem a revestem de «uma roupa de grande brancura e claridade». Recordemos este importante aspeto, pois retornaremos a abordá-lo.

Por agora, sigamos em frente e vejamos a mensagem que Nossa Senhora tem para Teresa (n.º 7-12). Parece-nos fiel ao texto dividir este diálogo em três momentos: iniciativa de Maria (n.º 7), uma promessa (n.º 8-9) e um sinal do seu cumprimento (n.º 10-12).

Nossa Senhora «pegava nas mãos» de Teresa. Da descrição que faz de Maria e José no n.º 16, parece que o modo segundo o qual vê a Virgem Maria é uma visão imaginária: a sua mensagem é uma mensagem que deve trespassar as suas experiências mais concretas, mais *encarnadas*. Neste gesto de *pegar nas mãos* também se transmite afeto, proximidade e intimidade.

A Virgem assegura-lhe que «se alegrava muito» pela dedicação a São José deste primeiro Carmelo da «Ordem da Virgem Nossa Senhora» (F27, 11), porque aí vê como Teresa quer servir a «meu pai São José», nas palavras da própria. E anima-a a acreditar que aquilo que «pretendia do mosteiro se faria»:

> «Toda a minha ânsia era, e ainda é, a seguinte: já que Ele tem tantos inimigos e tão poucos amigos, pelo menos que estes fossem bons (…). Que esperamos nós, os que pela bondade do Senhor estamos sem aquela pestífera ronha, que já esses outros são do demónio? (...) Não deixa[, porém,] de se me partir o coração por ver como se perdem tantas almas. (…) Bem gostaria de não ver perder mais nenhuma em cada dia!
>
> Ó minhas irmãs em Cristo, ajudai-me a pedir isto ao Senhor, que para este fim vos juntou Ele aqui! Este é o vosso chamamento. Estes hão-de ser os vossos negócios. Estes hão-de ser os vossos desejos. Por isto hão-de ser as vossas lágrimas. Estas hão-de ser as vossas petições (…). O mundo está a arder. Querem voltar a sentenciar Cristo (…). Não, minhas irmãs, não é tempo de tratar com Deus negócios de pouca importância» (CV 1, 2.4-5).

Assim viver o nosso «chamamento» seria pedir ao Senhor a salvação – nossa e de todos – e contribuir ativamente na edificação da Igreja, cada um segundo o seu estado de vida e ramo na Ordem. Deste modo, assegura-nos a Virgem Maria, no Carmelo «muito se serviria o ao Senhor e a eles os dois»!

---

[9] Laura G. Rueda, *Gracia y Hermosura* (2012) 94
[10] Laura G. Rueda, *Gracia y Hermosura* (2012) 93-94

Este era o desejo de Teresa e Nossa Senhora diz-lhe que não se deverá preocupar com o Carmelo «porque nele jamais se interromperia este serviço (...) uma vez que Eles [↗ Maria e José] nos guardariam e já o seu Filho nos tinha prometido andar connosco».

«Como sinal de que isto se cumpriria oferecia-me aquela joia»: «um colar de ouro muito bonito, com uma cruz muito valiosa». «[Já conhecemos] a força decisiva [do símbolo] na altura de expressar e comunicar experiências vitais, às quais a razão — mais teórica, mas menos gráfica e descritiva — tem dificuldade em aceder»[11]. Levanta-se a questão: a que experiência vital se poderá estar a referir este símbolo?

Na Exclamação XIV, parágrafo 2, Teresa escreve:

> «Oh cristãos, cristãos, vede a irmandade que tendes com este grande Deus! Conhecei-O e não O menosprezeis (...). O vosso Pai deu-Vos a nós. Que eu não perca, meu Senhor, joia tão preciosa. Confesso, Pai eterno, que não a guardei bem» (Excl. XIV, 2)

Nesta belíssima oração, Teresa descreve Cristo como uma «joia tão preciosa» que lhe foi oferecida e a todos os cristãos pelo Pai. Também em V33 o colar se trata de uma «joia» de «ouro e (...) pedras preciosas». Estas não são, porém, as únicas ocorrências em que Teresa associa Cristo e pedras preciosas:

> «Uma vez, estando eu com a cruz de um rosário na mão, Ele pegou nela e quando ma devolveu estava feita de quatro pedras grandes, muito mais preciosas do que diamantes – porque quase que nem há comparação [entre o que temos cá] com o que se vê por via sobrenatural –. Comparado com as pedras preciosas que lá se veem, o diamante parece coisa falsa e imperfeita. A cruz tinha as cinco chagas feitas de um modo muito bonito. Disse-me que doravante ia vê-la assim; e, realmente, acontecia que não via a madeira de que era feita mas estas pedras» (V29, 7).

Esta última visão não associa diretamente Cristo e pedras preciosas, mas sim ao *madeiro da cruz*. Resplandecendo a Cruz do Salvador com a beleza destas joias as Suas cinco chagas redentoras manifestavam-se «de um modo muito bonito». Embora os símbolos não coincidam totalmente, ambos os textos revelam a recorrência do mesmo horizonte simbólico. A beleza das 'joias' ou das 'pedras preciosas' aparecem associadas ao mistério da redenção em Cristo. É legítimo, então, questionarmo-nos se em V33 o colar não se refere, uma vez mais, ao Filho de Maria e José.

Dizemos "Filho de Maria e José" propositadamente. Não suscita perplexidade a ausência de Jesus na visão? Se a ligação com V32, 11 é patente não seria de esperar vê-lO presente? Onde está? Precisamente na sequência destas reflexões, diríamos que se encontra exatamente onde seria de esperar: no meio dos seus pais. Jesus não aparece porque Teresa está a ocupar o Seu lugar: ela encontra-se no meio de Maria e José, que estão com ela (n.º 16), que a revestem (n.º 4), que lhe dão o colar (n.º 11) e que, finalmente, a deixam (n.º 16).

O «díptico "Maria – José" está em perfeita harmonia com o relato de *Vida*»[12]. São os dois juntos que preparam Teresa para a conformação à paixão, morte e ressurreição de Cristo, inserindo-a na vida divina mediante uma experiência de salvação. Aí, desde a glória da ressurreição, são ainda Maria e José quem lhe colocam Cristo ao peito – faz lembrar Ct 8, 6: «põe-me como um selo sobre o teu coração» – guiando Teresa por entre as curvas e contracurvas da paixão: o colar tem «uma cruz muito valiosa».

---

[11] Pedro Ruiz Calvente, *El itinerario catecumenal y la mistagogía de "las moradas"* (Monte Carmelo: Burgos, 2025) 200-01

[12] T. Alvarez, *El primer texto mariano de Santa Teresa* in Estudios Teresianos III (1996) 462

Porém não se trata 'só' de uma simples cruz que enfeita o colar: simboliza a configuração progressiva com Cristo crucificado. Por isso, anos mais tarde, Teresa dirá que os verdadeiramente espirituais são aqueles que se deixam marcar com a cruz:

> «Sabeis o que é ser verdadeiramente espirituais? É fazer-se escravos de Deus, *marcados com o seu ferro, que é a cruz*; desta maneira, tendo-lhe já entregue a sua liberdade, pode vendê-los como escravos de todo o mundo, como Ele foi» (7M4, 8).

Finalmente, queríamos recordar o fruto principal desta visão de V33, recorrendo a um texto de Isaías que nos ajuda a entrar na simbologia teresiana:

> «Eu exulto de alegria no SENHOR; a minha alma rejubila no meu Deus, pois me revestiu com as vestes da salvação e me cobriu com o manto da justiça, como a um noivo que enverga o diadema e como a uma noiva que se adorna com as suas joias. Assim como a terra faz brotar os seus rebentos e o jardim faz germinar as suas sementes, assim também o Senhor, o próprio Senhor fará germinar a justiça e o louvor diante de todas as nações» (Is 61, 10-11).

O "terceiro Isaías" (Is 55-67) corresponde à fase final da redação do livro de Isaías tal como o conhecemos hoje e situa-se no período em que o Templo de Jerusalém foi reconstruído (sec. V). Esta época está associada à proclamação da Salvação através do caminho que cada um faz como servo de YHWH. Esta passagem em concreto (Is 61, 1-11; apenas citamos a última parte) refere o Salvador prometido como *profeta* e *rei*. A sua missão é de salvação, de glória, alegria e reestruturação. Queremos, ainda, sublinhar a imagem esponsal que delimita esta passagem, servindo, portanto, de chave de leitura: o messias desposa Israel[13]. Neste sentido, o profeta Isaías anuncia uma boda e, consequente, uma libertação e salvação, associando-a a um novo jardim paradisíaco: a libertação da salvação, conduzirá à criação de uma nova origem!

Não pretendemos fazer exegese do texto, basta-nos algumas das suas ideias. Teresa foi revestida por Deus, mediante a ação de Maria e José, «com as vestes da salvação» e foi coberta «com o manto da justiça (…) como a uma noiva que se adorna com as suas joias». Sob a luz desta imagem, Teresa aparece como aquela que, revestida por Deus, é preparada para uma missão fecunda… O próprio Senhor fará germinar o Carmelo no seio da Igreja para todas as nações. Assim, cada um chamado ao Carmelo descobrirá nele a salvação, uma nova origem.

Concluída a visão e levadas todas estas experiências para o quotidiano, Teresa estará preparada para começar a fundação de São José, o primeiro convento do Carmelo Descalço.

Conclusão

Começámos o nosso percurso pelo itinerário de Santa Teresa alertando para as dimensões que queríamos ressaltar: a sua preocupação pela sua própria salvação e dos outros e a sua relação com Cristo, com a Virgem Maria e com São José. Parece-nos possível reconhecer que destas, a preocupação pela salvação, própria e de outrem, assume uma importância estrutural: a sua amizade com Cristo aparece motivada por estes desejos de plenitude e as relações com Nossa Senhora e São José estão em função da salvação em Cristo[14].

---

[13] Seguimos fundamentalmente a reflexão de Alonso Schokel (*Simbolos matrimoniales en la bíblia,* 2ª ed., Editorial Verbo Divino: Navarra, 1997, pp. 72-76) e Carlos Granados (*Apuntes para la asignatura de Libros Proféticos,* ad usum privatum).

[14] Não pretendemos abordar o tema da corredenção de Maria; excede-nos e ao trabalho que pretendemos apresentar. Para um maior aprofundamento referimos o artigo de François-Marie Léthel, *Maria no Mistério de Cristo e da Igreja, à luz da teologia dos santos (comentário à Nota doutrinal* Mater Populi Fidelis*),* in blog MariStella, 2025

Gostaríamos de concluir com uma reflexão final, a propósito do Carmelo e da nossa identidade como carmelitas descalços. O nosso padre geral, Miguel Marquez Calle, dizia na sua carta por ocasião da solenidade de Nossa Senhora do Carmo que

> «Para transmitir este tesouro que é a oração, não basta dar cursos sobre a arte de orar. É preciso ser, em primeiro lugar, homens e mulheres de oração, tanto a nível pessoal como comunitário. Um carmelita regressa constantemente ao silêncio da Casa de Nazaré, onde Maria e José só têm olhos para Jesus: amam-No, adoram-No e contemplam-No. Deste lar e desta Sagrada Família, nós, os Carmelitas de Santa Teresa, herdámos o ideal de Nazaré, tendo José e Maria, como mestres da intimidade com Jesus na vida quotidiana (cf. V 32,11)»[15]

O Carmelo é uma escola de oração precisamente porque é, antes de tudo o mais, uma casa de Nazaré. São Maria e José os nossos «mestres da intimidade com Jesus na vida quotidiana». Neste sentido, refletia o padre François-Marie Léthel, pregando à Curia Romana no dia de São José:

> «Sabemos que a Oração é a palavra-chave de Teresa, o coração da sua doutrina espiritual, um dos seus maiores contributos (…). Na sua teologia, a Oração significa a própria relação pessoal com o Senhor, como uma amizade vivida na fé, na esperança e na caridade (…). Com este texto [V6, 8], a oração teresiana encontra a sua melhor expressão evangélica na Sagrada Família. Como mestre e guia, São José ensina-nos a oração como toda uma vida de proximidade e profunda intimidade com Jesus e Maria, na oração e no serviço ao próximo (…) A Sagrada Família é o "lugar" onde todas as relações humanas mais fundamentais estão presentes, na maior perfeição, na santidade perfeita: o homem e a mulher, a esponsalidade, a paternidade e a maternidade, a filiação e a fraternidade»[16].

O que se diz nesta reflexão de São José, pode-se aplicar também a Maria. No Carmelo serve-se a «eles os dois» (V33, 14) e, por isso, parece-nos importante recuperar, na feliz expressão de Tomás Alvarez, o *díptico Maria – José,* centrando-o no seu filho, Jesus. «A Virgem e são José ajudam-na [Teresa] a cumprir a vontade de Jesus»[17] e é por meio deles, como víamos comentando V33, que o Carmelo se torna uma casa de Salvação: é no interior destas relações que Teresa é preparada para a sua vocação e introduzida na vida divina. «Os Carmelos[, recordavam os nossos superiores gerais Ocarm e OCD,] (...) à semelhança da família de Nazaré, pretendem ser lugares onde a humanidade de Jesus é acolhida, vivendo apenas por ela e com ela»[18]. Há aqui uma arquitetura relacional que herdamos[19].

À luz do percurso realizado, o Carmelo poderá, assim, ser compreendido não apenas como uma escola de oração, mas também como uma casa. Uma casa no coração de Igreja. Uma casa de salvação. Uma casa de Nazaré, que dá à Igreja esta experiência de comunhão que vivemos no seio da Família do Salvador. *Carmelus totus Nazarenus est*.

Frei Pedro da Sagrada Família

(https://maristellacarmel.com/2025/11/21/maria-nel-mistero-di-cristo-e-della-chiesaalla-luce-della-teologia-dei-santi/, consultado a 23/07/2026). Aqui, limita-nos a assinalar o cristocentrismo desta relação com Maria e José.

[15] Miguel Marquez Calle, *Revestidos de Maria, movidos pelo Espírito - uma Aliança renovada: o Escapulário* in blog MariStella, 2026. (https://maristellacarmel.com/2026/07/16/revestidos-de-maria-movidos-pelo-espirito-uma-alianca-renovada-o-escapulario/ consultado a 23/07/2026)

[16] François-Marie Lethél, *La luce di Cristo nel Cuore della Chiesa* (2011) 281-83

[17] María del Pilar, *Itinerario mariano-josefino de Santa Teresa de Jesús* (2026) in https://carmeloteresajuan.wordpress.com/2026/07/18/itinerario-mariano-josefino-de-santa-teresa-de-jesus (consultado a 24/07/2026)

[18] *O patrocínio de São José sobre o Carmelo,* Carta de los Superiores Generales O.Carm. y O.C.D. a la familia carmelitana en el 150º aniversario de la proclamación del patrocinio de san José sobre la Iglesia universal (2020) 7

[19] cf. Andre Brouillet, *Cartografía de la salvación - enseñanzas teresianas sobre soteriología* in Revista de Espiritualidad 76 (2017) 415-432. No seu estudo, A. Brouillet não refere a arquitetura relacional decurrente da Sagrada Família, mas sim das demais imagens que utiliza Santa Teresa para falar do Carmelo.